



## Da idealização da prática à construção de balizas para um agir contextualizado

### From the idealization of the practice to the construction of anchors for a contextualized agency

Jorge Pinto, Ana Pires Sequeira  
Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

#### Resumo

Na formação inicial dos futuros professores do 1º ciclo do Ensino Básico o estágio auferia uma centralidade no projeto formativo. Contudo, o estágio é um local de encontro entre duas culturas institucionais, mais ou menos divergentes. Este estudo procura perceber como é que os estudantes vivem e lidam, em termos da sua aprendizagem, com esta complexidade. É um estudo de natureza qualitativa que envolveu 22 estudantes. Os dados revelaram que apesar dos sentimentos de ambiguidade se reconhece a ocorrência de aprendizagens importantes, a importância do supervisor da instituição de formação, e a necessidade de valorização do professor cooperante.

*Palavras-chave:* formação inicial de professores, construção de um referencial profissional pessoal, o papel da prática pedagógica.

#### Abstract

In the initial teachers training of the Primary Education, the internship has a centrality in the training project. Sometimes, the internship is a meeting place between two divergent institutional cultures. This study seeks to understand how students live and deal, in terms of their learning, with this complexity. It is a qualitative study involving 22 students. The data revealed that despite the feelings of ambiguity it is recognized the occurrence of important learning, the importance of the supervisor of the training institution, and the need to value the cooperating teacher.

*Keywords:* initial teachers training, construction of a professional personal referential, the role of pedagogical practice.

#### Introdução

A formação inicial de professores do 1º ciclo do Ensino Básico do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal tem, como pressuposto, no seu projeto formativo, a centralidade do estágio. Assume-se, assim, um projeto formativo assente numa perspetiva dialógica onde a relação teoria e prática possa propiciar uma interatividade geradora de um agir profissional esclarecido dos/as estudantes, futuros profissionais. Situamo-nos, pois, num modelo de alternância interativa onde a interdependência entre teoria e prática se assumem como fundamentais para a ação profissional.

Sabendo-se a importância da “centralidade da ação dos professores ao serviço de um sistema educativo

democrático e de uma escola de qualidade para todos” (Esteves, Rodrigues, Silva & Carita, 2017), pretendemos que os/as estudantes vivenciem experiências que lhes permitam ter em conta a diversidade de alunos e de contextos na sua prática pedagógica, contribuindo, assim, para a inclusão de todos os alunos. Para que tal possa ocorrer, a nossa opção foi a de que os estágios decorram em escolas públicas, onde, a nosso ver, a diversidade de intervenientes no ato educativo está mais presente, mas onde a conflitualidade, proveniente não só dessa diversidade como também da diversidade das lógicas de práticas interinstitucionais, mais se acentua. Tal colocamos perante um modelo de formação que integra tanto as necessidades, as inquietações e os interesses dos/as estudantes, como também, perante o confronto que experienciam entre os dois contextos de formação, o da instituição de ensino superior e o da instituição onde ocorre o estágio.

#### Prática de Ensino Supervisionada/ estágio

As diversas unidades curriculares do curso espelham a opção seguida, sendo a componente de Prática de Ensino Supervisionada/ estágio o espaço privilegiado onde se reflete essa alternância interativa. Concebeu-se um referencial de competências (referencial profissional prescrito) tendo em atenção, não só as competências definidas nos perfis específicos de desempenho profissional do professor do 1º ciclo do Ensino Básico, mas sobretudo as competências necessárias a um profissional para o agir numa realidade escolar, onde coabita toda uma diversidade seja esta de cariz sociocultural, linguístico ou de concepções de práticas pedagógicas.

A figura 1 procura explicitar o modo como procurámos construir e operacionalizar o plano de estudos, em particular no que se refere ao estágio.

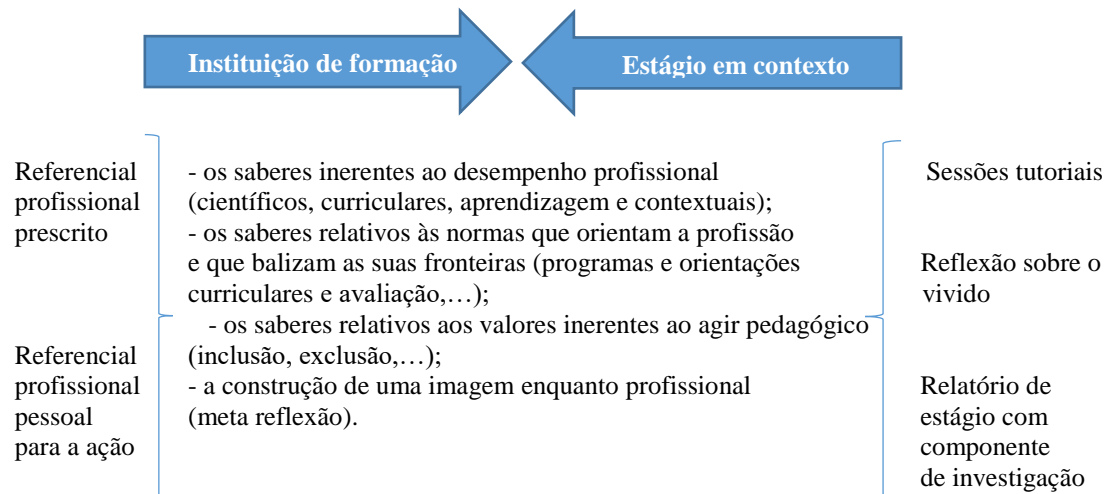


Figura 1. Percurso para construção de um referencial profissional pessoal para a ação

Conforme se pode observar existe uma interdependência entre a teoria e a prática, ambas fundamentais para a ação profissional. Espera-se que cada estudante mobilize e utilize o seu quadro teórico de referência para a ação, a fim de poder construir as competências necessárias à sua profissional, mas também que a reflexão sobre a experiência contribua para a reconstrução desse quadro teórico. Todo este processo é acompanhado por um/a supervisor/a (docente da instituição de formação) que assume o papel de

mediador/a no apoio a cada estudante, na apropriação e reconfiguração do seu saber para a ação em contexto de estágio. Preconizamos, assim, a vivência de um modelo que possibilite ao estudante (professor em formação) a construção de um saber profissional contextualizado. A adoção deste modelo coloca o estudante face a contextos diversificados e complexos, onde a conflitualidade, por vezes, emerge, exigindo o seu questionamento continuado e a mobilização de conhecimentos, numa intervenção crítica e reflexiva (figura 2).

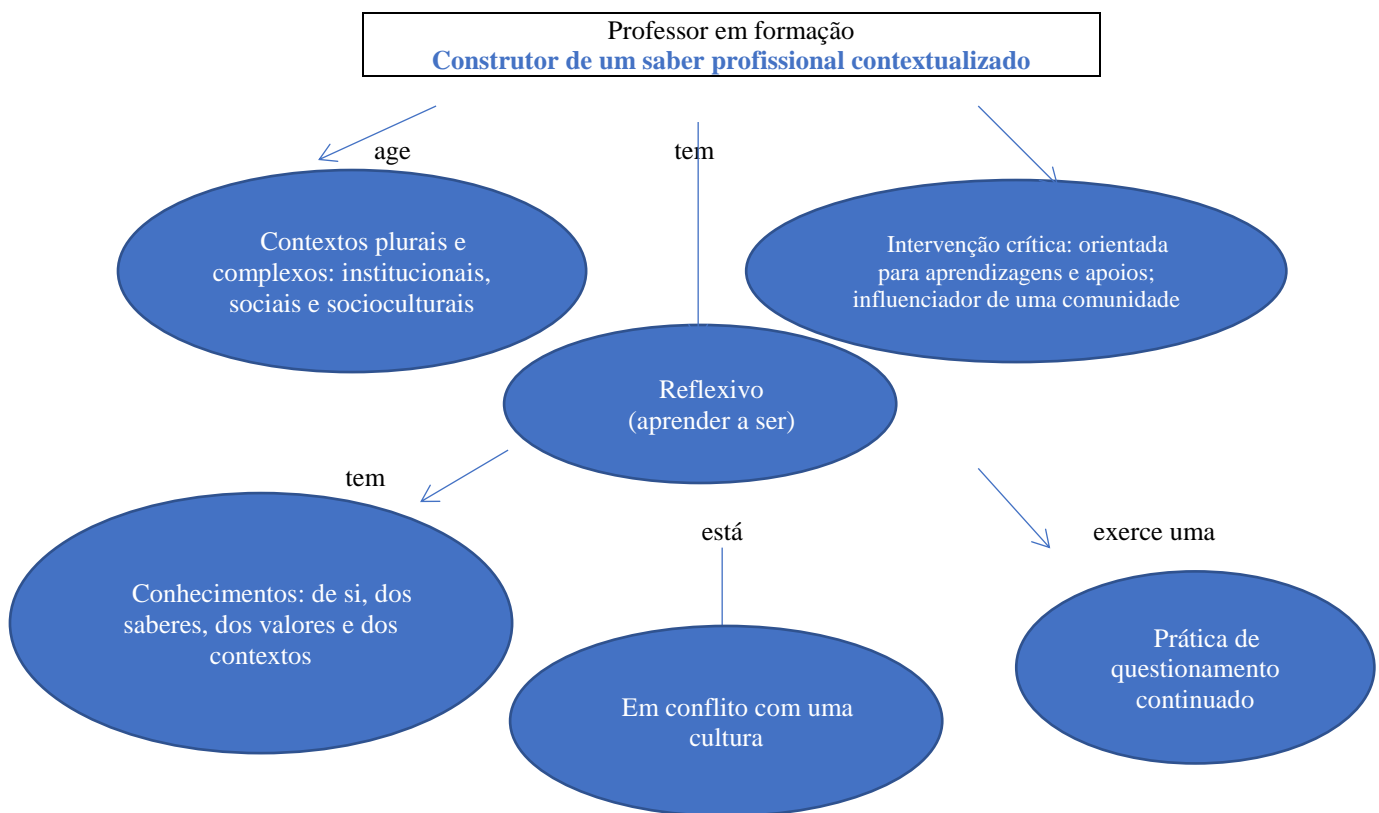


Figura 2. Professor em formação (adaptado de Alarcão & Roldão, 2008)

O exposto direciona-nos para o estágio como um espaço onde coabitam diversas culturas, nomeadamente

a da instituição de formação e a de estágio. Parafraseando Vial (2013) assumimos este espaço como sendo de uma

“navegação à vista” onde interagem, entre outros, afetos, reflexões, e relações. Nesta interação o estudante (professor em formação) edifica as “balizas” que lhe permitem a construção da sua ação pedagógica.

Neste quadro surge o estudo, iniciado neste ano letivo, proveniente da supervisão de estágios e da reflexão com estudantes em estágio no 1º ciclo do Ensino Básico orientados pela seguinte questão:

Como é que os/as estudantes encaram a sua experiência de estágio em situações de conflitualidade entre o que acham que devem fazer e aquilo que acontece na realidade relativamente à forma de pensar e agir dos/as docentes em cujas salas efetuam os seus estágios?

Apesar de estarmos ainda numa fase inicial, podemos desde já, apresentar alguns dados provenientes sobretudo das reflexões elaboradas pelos/as estudantes, bem como equacionar algumas conclusões que, a nosso ver e levantar algumas questões sobre o modelo de formação de professores em vigor.

### Metodologia

Em termos metodológicos este é um estudo de natureza interpretativa. Os dados foram recolhidos através de observação, de um inquérito por entrevista e de análise documental (reflexões dos/as estudantes em diversos momentos dos estágios no 1º ciclo do Ensino Básico). O estudo envolveu 22 estudantes. Na análise de dados utilizou-se a análise de conteúdo.

O estudo decorreu nos estágios em escolas públicas ao longo de 20 semanas organizados do seguinte modo: no 1º semestre durante 10 semanas em salas do 1º ano, no 2º semestre durante 10 semanas em salas do 3º ou 4º anos de escolaridade.

### Apresentação de alguns dados

A primeira constatação que se pode fazer é que na generalidade os/as estudantes (PE) notam uma diferença entre os dois estágios reconhecendo diferentes tipos de aprendizagens em função da convergência entre as suas expectativas e as possibilidades de intervenção e o apoio que as professoras cooperantes (PC) davam.

Considero que foram dois estágios diferentes, visto que as professoras titulares eram diferentes, tal como as turmas. A minha evolução pessoal e profissional decorreu ao longo dos dois estágios, contudo, sinto que foi maior neste último estágio, porque contactei com um tipo de metodologia com a qual não me identifico.

(Reflexão de S. B., 2017)

Contudo, as situações de conflitualidade mais evidentes ocorrem no estágio do 2º semestre (3º e 4º anos de escolaridade). Estas divergências aconteceram aos diversos níveis da ação pedagógica

#### Na perspetiva sobre o currículo e a sua gestão

PC: Então, hoje vens carregada com tanta coisa!!!

Professora Esrgiária : São alguns funis e terra para os meninos fazerem uma experiência.

PC: Ai, aproveita agora que tens tempo para fazer essas coisas.

PE: Mas eu acho que é importante que eles realizem experiências...

PC: Quando estiveres a lecionar, não vais ter tempo para essas coisas. Os programas têm de ser cumpridos!  
(Reflexão de A. M., 2017)

Como podemos verificar há, um claro posicionamento da professora cooperante sobre a gestão curricular. A professora estagiária interroga-se a este propósito

E – Alguém sabe de que local é esta imagem? (Serra da Arrábida).

R. – É em Setúbal, ao pé das praias.

PE – Mas tem um nome, é uma serra.

B. – É a Serra da Arrábida, eu já lá fui.

PE – E esta?

M. O. – Também é uma serra.

M. – Parece uma montanha.

PE. – Sim, mas é só uma montanha? Observem bem.

(como ninguém me respondeu pedi para irem ver ao dicionário)

M. – Já encontrei.

PC – Então lê lá.

PE– Mas professora era isso que eu pretendia que eles me dissessem.

PC – Agora já está.

(Reflexão de V.C., 2017)

Como a professora estagiária refere:

Com esta situação senti-me frustrada, pois foi como se eu não soubesse o conceito de serra, uma vez que fui interrompida pela professora cooperante e esta já tinha demonstrado inquietude quando começou a procurar no dicionário.

(Reflexão V.C., 2017)

Esta situação levou a estudante a uma necessidade de discutir com a professora cooperante sobre a reconstrução do seu espaço pedagógico de modo a saber como poderia agir no futuro em termos de propostas de trabalho e condução da aula. Ou melhor se poderia ou não partir dos saberes e conhecimentos dos alunos para a consecução das aprendizagens

#### Ao nível dos conceitos

Também ao nível dos conceitos houve por vezes “choque” como se pode verificar no excerto seguinte

PE : Então, o que é para vocês um texto poético?

T.: É um texto com rimas.

PE: Se o texto não tiver rimas, não é um texto poético

M.: É um texto com rimas e versos.

PE: O que é um verso? [B. hesita em responder]

PC: então, não sabes o que é um verso? É uma frase!

PE : Então B, lê uma frase do poema que lemos.

B.: “Sonhei que ia até Plutão/Pilotando um foguetão.”

PE: Isso é um verso?

B.: Sim, a professora (cooperante) disse que um verso é uma frase.

PC.: Ah, mas aí são dois versos, B.. Tu não percebeste, com certeza.

PE: B., um verso é uma linha do poema. Leste dois versos do poema, agora. Nesses dois versos, tens uma frase, são coisas diferentes.

B.: mas a professora (cooperante) disse que era uma frase (...).

[PE: virei-me para o quadro e escrevi “um verso é uma linha do poema”]

(Reflexão de A.M., 2017)

O excerto reporta-se ao decorrer de uma aula, sobre poesia, após os alunos terem lido um texto poético. Reflete o confronto entre os saberes presentes, ou seja, o saber da PE em confronto com o da PC, tendo a primeira segurança face aos seus saberes e assumindo de forma clara a sua certeza enquanto a professora titular discutia com a aluna de que ela tinha ouvido mal a sua explicação. Isto cria de facto atitudes difíceis de gerir sobre se se deve, ou não, afirmar a certeza do conhecimento. Mas esta decisão tem que ser tomada no momento e foi isto que a aluna fez. Naturalmente que todas as situações de conflito de lógicas não são fáceis de viver como se pode verificar no excerto seguinte:

Por algumas das situações descritas nesta reflexão, considero que este estágio não está a ser fácil, para mim, porque não me identifico com determinadas situações, mas, contudo, está a ser um bom estágio, visto que tenho de aprender a contornar estas situações, sendo esta uma aprendizagem benéfica para a minha futura profissão como professora, dado que reconheço determinadas metodologias com as quais não me identifico e progressivamente vou construindo o meu “eu” como futura profissional, na área da educação.

(Reflexão de A.M., 2017)

A estudante reconhece que apesar da conflitualidade existente entre a cultura que reconhece proveniente da sua instituição de formação e a cultura do contexto de estágio, personificada pela professora cooperante, a aprendizagem ocorreu. Este foi o tom geral dos comentários dos/as estudantes sobretudo no estágio do 2 semestre. Os suportes destas vivências contraditórias são fundamentais. O estágio está inserido na componente de formação de Prática de Ensino Supervisionada onde para além de cada estudante ter um professor tutor da Instituição de formação, existem espaços semanais de acompanhamento e análise do ocorrido nos estágios.

### A concluir...

Partindo da premissa de que se as necessidades educativas se alteram, a formação de professores também deve acompanhar essa mudança... há, ainda, muito a fazer e a compreender na formação de professores, nomeadamente na necessidade de trabalhar numa visão integrada e holística da formação de professores; na criação de dispositivos de apoio robustos aos/as estudantes durante os períodos de estágio; numa maior interligação entre as lógicas das instituições de formação e das instituições onde decorrem os estágios/ contextos de trabalho e na valorização do trabalho dos

professores cooperantes tanto em termos de reconhecimento do seu papel, como em terem condições para apoiarem os futuros professores.

### Referências

- Alarcão, I & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão - Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo, Lda.
- Esteves, M., Rodrigues, A., Silva, M.L & Carita, A. (2015). Para pensar a educação em Portugal: a formação de professores. in *Grupo Economia e Sociedade. Pensar a Educação. Portugal 2015*. (pp.1-33). Disponível em: <http://areiadodias.blogspot.pt>
- Perrenoud, P. (1996). *Enseigner. Agir dans l'urgence, décider dans l'incertitude*. Paris : E.S. F.
- Vial, M. (2013). L'auto-évaluation en formation ? Origine des critères dans l'évaluation située : le repérage entre balisage et ancrage, et usages du référentiel. in: *Actes du 25<sup>o</sup> colloque de l'ADMEE-Europe Fribourg 2013: Evaluation et autoévaluation, quels espaces de formation*.